

JORNAL
DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA
RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.

ANNO DE 1864



RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER, EDITOR-PROPRIETARIO

69, RUA DO OUVIDOR, 69

JORNAL DAS FAMILIAS

AOS LEITORES



Um anno já lá vai que contamos d'existencia.

A' imitação d'esses astros que gyrão no espaço, tambem fizemos nosso gyro, tambem nos atirámos no espaço sem limites do pensamento.

Como havemos cumprido a missão difficil que sobre os hombros tomámos?

Compete a outros decidir a questão e responder á pergunta; mas diz-nos a consciencia que não mentimos ás promessas que fizemos ao balbuciar do primeiro verbo da publicidade, ao dar do primeiro passo no caminho da nossa existencia.

Envidámos todos os esforços, não nos poupámos a despezas e sacrificios, afim de dar aos leitores, e sobretudo ás gentis leitoras que se dignão dispensar connosco algumas horas e lançar os olhos ás paginas

que escrevemos, um volume nitido, variado, elegante, digno de ornar, pela amenidade de seus artigos, pela perfeição de seus desenhos, pelo fino de suas gravuras, pela delicadeza de sua impressão, as estantes dos litteratos, os gabinetes dos artistas, e o perfumado camarim de nossas amaveis leitoras.

Que cumprimos a missão a que nos compromettemos, prova-o o acolhimento em extremo lisongeiro que recebemos do publico, acolhimento que, a continuar, como esperamos, nos permittirá a realisação de diversos melhoramentos que temos em mente, já na parte puramente material, já na parte litteraria ou intellectual.

E, a não querermos merecer o labéo de ingratos, não podemos deixar de agradecer ao publico tão benigno acolhimento.

Sabe-o elle que não somos avezados a faltar a compromissos que tomamos, e póde pois contar que as reformas que virão sobrevindo, já na variedade e escolha dos artigos, já na nitidez da impressão e belleza das gravuras, provarão que se desejamos a benevolencia e a animação, não nos retrahimos ao dever de procurar agradar a quem tanto nos merece.

Agradecemos tambem aos habeis e amenos litteratos que se não esquecerão de enfeitar as nossas paginas com aquellas lindas producções cahidas de suas pennas em horas de magica inspiração, com aquellas flores que tão perfumadas e formosas offerecerão ás nossas leitoras.

Esperamos que nos continuarão tão graciosas offertas. Flores como são, antes sejam ellas colhidas por mãos de neve de outras flores, a serem por ahi desfolhadas pela ventania do esquecimento.

Fade-nos Deos no trilhar d'este segundo anno, que começa; acolhamos ainda benignamente o publico, e não esmoreceremos na lida, nem pararemos no caminho.

A REDACÇÃO.





A FANTASIA DA MORTE

I



Providencia, negando ao homem a faculdade de adivinhar o futuro, deo-lhe uma grande força, armou-o de um grande poder para lutar contra o seu proprio destino.

Quanto seria pusillanime e fraco aquelle que tivesse de aguardar sem remissão o desfecho de uma desgraça prevista! Quanto seria miseravel a creatura humana que, sabendo de antemão todas as peripecias de sua propria vida, tivesse de esperar na resignação ou no desespero a realização da terrivel sentença que lhe reservava a sua sorte!

Fôra então a vida um martyrio indescriptivel. O homem diante da fatalidade, em presença constantemente do dia inevitavel da sua morte, olharia o presente da existencia como um favor negativo do implacavel arbitrio de uma vontade inflexivel.

Apezar, porém, do convencimento em que todos estamos do mal que nos acarretaria esse fatal dom da previsão, quantas vezes desejáramos nós devassar os reconditos arcanos do porvir, e ler patentes os segredos que nos esconde o horizonte impenetravel do infinito! Quantos infortunios se evitarião na sociedade, e quantas dôres se pouparião a tanto padecimento moral, que nos afflige sem catisa, e tem sua origem de ser nos illusorios fantasmas de nosso desvaiado pensamento? Mas entre a logica da razão e os decretos da sabedoria infallivel ha leis que estão fóra do alcance da intelligencia humana, e que o ente

pensador não poderá nunca perscrutar, porque ellas formão a linha divisoria estabelecida entre a creatura e o creador, entre o finito e o illimitado, entre o homem, que é o reflexo, e a divindade, que é a luz.

Estas reflexões mais ou menos fará o leitor que seguir com attenção a historia que vamos narrar-lhe. É este um romance doloroso e triste, mas que infelizmente não pertence senão em seus toscos atavios á fantasia do narrador, porque repousa sobre factos verdadeiros, e cuja memoria existe ainda na lembrança de algumas pessoas que conhecerão os personagens que vamos pôr em scena com a fidelidade dos traços que nos é possível conservar, se por ventura nos é fiel a nossa reminiscencia.

As peripecias d'este drama sinistro passarão-se em uma capital da America do Sul, cujo nome occultaremos, se bem que quasi todos os seus actores fossem estrangeiros nesse paiz. Esta ultima circumstancia, porém, longe de arrefecer o interesse que naturalmente inspirão os acontecimentos que se seguem, dá-lhes talvez o cunho de singular e mais rude originalidade.

II

Em um salão ricamente adornado com todo o requinte do gosto e do luxo, estava reclinada em um sofá estofado de velludo uma gentil senhora de vinte e dous annos pouco mais ou menos, que parecia ler distrahida em um livro de encadernação dourada; pois de quando em quando alçava a magestosa cabeça, e olhava para uma elegante pendula de bronze, que parecia retardar-lhe acintosamente uma hora desejada.

A moça era um admiravel typo de formosura meridional. No fulgor de seus bellos olhos negros, rasgados em forma de amendoa, lia-se toda a inflammavel paixão de uma mulher andaluza. Era alta, esbelta, flexivel, e estava vestida com tão artistica simplicidade, que mais fazia sobresahir ainda a perfeição de sua natureza esplendida, e os contornos fascinadores de suas formas, dignas de servir de modelo a uma estatua de Canova.

O magnifico salão era um verdadeiro templo d'aquella divindade. A riqueza dos adornos, a novidade da mobilia, a profusão das jarras e das figuras de fina porcelana de Sèvres, o alvo esplendor dos transparentes cortinados, a magnificencia dos tapetes, e finalmente o perfume das varias e matizadas flores que embalsamavão o ambiente, formavão em torno da moça uma atmosphera inebriante e deliciosa, onde parecia respirar-se o deleite, a morbidez e o amor, e sentir-se a alma arrobar em sonhos e devaneios celestes.

Ella, porém, triumphante e dominadora no meio de tantos prodigios da

arte e da industria, que parecião tacitamente render um culto á sua incomparavel belleza, olhava indifferente para tudo, pois o seu pensamento estava longe de certo de quanto a rodeava, e só desviava do livro os olhos quando se lembrava de os volver á pendula, que lenta e compassadamente movia os ponteiros dourados no circulo immovel do branco mostrador.

Uma das vezes, porém, em que fez este movimento, deixou cahir lentamente o braço que segurava o livro, e soltou um ligeiro suspiro, acompanhado de pequeno movimento de impaciencia.

Poucos instantes depois abriu-se uma porta, e entrou apressadamente um elegante moço de seus trinta annos de idade, vestido com esmero, que se dirigio ao sofá familiarmente, e a quem ella recebeu sem mudar da posição em que estava.

— Tardei muito, Angelita? Não foi minha a culpa. Sabia que me esperavas, e por mais diligencias que fiz, só agora, que é pouco mais de meio-dia, pude vir abraçar-te e almoçar contigo. Vamos, não estejas amuada.

E, dizendo isto, o moço sentou-se junto de Angelita, passou-lhe o braço em roda da cintura, e, attrahindo-a docemente ao peito, deo-lhe um beijo na face.

— É uma ingratidão da tua parte fazer-me estar tanto tempo em sobresalto, depois de me haveres dado a promessa de voltar logo; e quanto mais que sabes em que perplexidade vivo neste paiz, onde nestes conflictos de guerra civil não se tem um momento a vida segura! tornou a joven Hespanhola, olhando com um gesto divino para o varonil mancebo.

— Agradeço-te o cuidado que tens em mim, Angelita; mas vou explicar-te em duas palavras a causa da minha demora.

— Pois sim, respondeo ella; mas consente que me previna contra a vivacidade da tua imaginação.

— Louquinha! contestou elle... é a ccusa mais natural do mundo o que me aconteceu, como vais ver.

Angelita encarou-o de novo, continuando a sorrir maliciosamente.

O mancebo tomou uma das mãos da moça entre as suas e proseguio :

— Estás perfeitamente ao facto da melindrosa situação em que me acho collocado para com o governo d'este paiz. Não quer elle admittir as condições da intervenção que lhe proponho, autorisado pelas instrucções que recebi, e talvez seja inevitavel um rompimento entre nós. Dirigi-me portanto ao ministro dos estrangeiros, com quem tive uma larga conferencia esta manhã, sem que todavia a questão ficasse collocada em melhor terreno, e vinha para casa um pouco contrariado. Soube então da chegada do paquete, e com elle da vinda de um amigo meu de París, com quem estive já, e convidei para jantar hoje comnosco. Aqui está a causa da minha demora, Angelita. Bem vêes que não

tens motivo para ficares arrufada comigo, minha formosa Andaluza! acrescentou elle, renovando-lhe as suas caricias.

— Está bom, Alvaro; creio nas tuas palavras; mas eu te peço que te ausentes de mim o menos possível; sou fraca, estou em um paiz estrangeiro, rodeada de gente que me não inspira confiança; tudo me sobressalta e desasocega; receio sempre e muito por ti... e ás vezes tambem por mim.

— Tens razão, minha filha; a vida turbulenta dos negocios publicos rouba-me os preciosos momentos que podia passar a teu lado, feliz e satisfeito; mas conto que em breve regressaremos á Europa, ou iremos talvez para outro paiz em que possamos mais tranquillamente entregar-nos á ventura de sermos sempre e inseparavelmente um do outro.

— Oh! como eu serei nesse dia afortunada! proseguio Angelita, correspondendo com carinho e amor ao aperto de mão de Alvaro... Casados apenas ha um anno, e passarmos tantas horas distantes e separados! Bem sabes que não sou exigente, meu marido; mas sou moça, amo-te, adoro-te, e preciso de te ver perto de mim, de saber-te a meu lado, de encontrar-te quando meus olhos te procurão para communicar-te os desabafos de minhas apprehensões ou a ternura dos meus affectos! É assim o coração da mulher extremosa... E eu sou uma louca!... tenho zelos até do ar que tu respiras!

— Deixa estar, Angelita, esta situação não póde demorar-se; partiremos em breve d'aqui. Mas o pouco tempo que nos demorarmos ainda será d'aqui em diante menos monotono, pois no companheiro que me chegou hoje da Europa temos um amigo verdadeiro, que estou certo fará constantemente parte de nossa pequena sociedade.

Alvaro e Angelita forão almoçar nessa feliz intimidade do amor lealmente correspondido, que não vê no horizonte azul da vida nem a sombra de uma nuvem que possa annunciar a procella.

III

O companheiro de Alvaro não faltou á hora marcada.

Era um joven Francez de maneiras distinctas, vestido com essa particular elegancia dos homens de boa sociedade, espirituoso, vivo, talvez um pouco futil, mas que revelava em sua variada conversação estudo, alguma intelligencia, e esse segredo admiravel de dizer as cousas mais superficiaes com a descuidada apparencia de uma reflexão profunda e de um espirito modesto, mas realmente investigador.

O jantar foi animado, versando a conversa sobre grande numero de assumptos, e acabando por fim com a narração das viagens do espirituoso hospede, que havia visitado o Oriente e percorrido o Mediterraneo, colleccionando anedotas chistosas, e tomando elle mesmo parte em alguns episodios aventurosos.

Não ha nada como as descripções em que toma parte o maravilhoso para hallucinar as imaginações feminis! Angelita, que, sejamos francos, á primeira vista não havia sympathisado com o amigo de Alvaro, depois que este representou um papel tão brilhante na conversação, sentio-se presa com irresistivel interesse ao desenlace de todas as suas aventuras; e é forçoso confessar que, terminada a refeição, Julio Ferry, que assim se chamava o Francez, havia tomado a seus olhos as proporções de um verdadeiro heroe.

Todos se levantarão contentes da mesa, e passarão ao salão, onde no decurso da noite Julio Ferry teve mais de uma vez o prazer de acompanhar ao piano e cantar mesmo alguns escolhidos duetos com a formosa e seductora Hespanhola.

Em poucos dias os tres estavam ligados pela mais estreita amizade. Julio era recebido em casa de Alvaro como um irmão, e a liberdade dos costumes europeos, a franqueza de antigos habitos de confiança reciproca, dava lugar a que muitas vezes Alvaro, entregue todo ao desempenho das melindrosas funcções de seu cargo diplomatico, se demorasse muitas occasiões longas horas fóra de casa, deixando Angelita e Julio entretidos ora no desenho, ora na musica, e nas leituras dos livros escolhidos e preciosos que formavão a sua esmerada bibliotheca.

Todo o mundo comprehende o perigo da liberdade inconsiderada d'estas relações melindrosas. As naturezas mais frias, as almas mais severas no cumprimento de seus deveres sagrados, os corações menos impressionaveis pelas paixões exaltadas, estão sujeitos algumas vezes a fraquear, e rendem-se vencidos a uma fatalidade infernal, que parece constantemente perseguir a virtude e armar-lhe os mais funestos ardis! Foi o que aconteceu á desgraçada Angelita.

Pallida e desfigurada, correu um dia do salão em que se achava em companhia de Julio, e cahio sobre o leito de sua camara em um tal estado de medonha desesperação, que, quando seu marido voltou para casa, a infeliz estava devorada por um accesso de febre ardente e ameaçada de perder o juizo.

Por mais que Alvaro fizesse por descobrir a causa d'esta repentina mudança physica e moral de Angelita, não podia atinar com a verdade. Ella chorava todas as vezes que elle lhe fazia alguma pergunta neste sentido; elle soffria a natural repercussão de todos os seus padecimentos.

Julio aproveitou esta circumstaancia para se tornar menos assiduo; e tinha razão, porque a desgraçada Hespanhola, se o visse, morreria talvez de vergonha e desespero!

Assim decorreo algum tempo, durante o qual, ao menos apparentemente, dir-se-hia que Angelita recuperava as forças e a razão.

No entanto a alegria tinha de todo abandonado aquelle lar, ainda ha poucos mezes tão feliz e abençoado! A consternação e a tristeza achavão-se desenhadas no semblante de toda a gente de casa.

A's portas do paraiso havia-se aberto um abysmo!

Se as apprehensões mais ou menos singulares de Alvaro, e a dôr de ver sua joven esposa em tão grave risco de vida, trazião em grandes tribulações o seu espirito, os tormentos de Angelita erão muito mais incomportaveis!

Elle soffria, mas tinha a consciencia tranquilla; ella, porém, via-se devorada pelo remorso, estorcia-se no desespero, sentia o incendio da vergonha e da deshonra afogear-lhe de vez em quando as faces, e queimar-lhe o sangue numa febre devoradora! A desventurada já não tinha lagrimas para chorar, nem palavras para dirigir a Deos a blasphema supplica de lhe arrancar a vida!

As horas passavão, e o tormento tornava-se cada momento mais feroz e insupportavel.

Não quero demorar-me em traçar a pintura dos sentimentos que, em uma luta tão suprema, espedaçavão o coração da infeliz Angelita. Era a morte na vida, a agonia do passamento em cada minuto que se volvia no tempo!

A desgraçada tomou pois uma resolução fatal e immutavel. Urgia sahir d'este infernal desespero. Mas como?

IV

Julio estava, oito dias depois do acontecimento que acabamos de narrar, só e pensativo em seu quarto, sentado ao pé de uma mesa de escrever, quando ouvio repentinamente abrir-se a porta, e entrar uma senhora cujas feições estavão tão demudadas, que só pela voz poude conhecer que era Angelita.

O mancebo sentio coar-lhe nas veias um arripio de morte.

Ella trazia estampado na semblante o sello funebre da sepultura. Dir-se-hia que, espedaçando a lage do tumulo, viera ainda uma vez á terra para cumprir uma missão terrivel! Os seus negros e abundantes cabellos em desalinho e a sinistra expressão de seus olhos contrastavão estranhamente com a livida palidez de seu rosto e o convulsivo tremor de seus labios descorados... Olhou em roda de si, e disse com voz vibrante de colera e indignação :

— Cobarde!... venho fazer-lhe a derradeira visita, e conhecer ao mesmo tempo se é tão corajoso na reparação do mal como o foi na perpetração do crime! Aqui estão duas pistolas : uma é para o Sr. e a outra para mim. Não admitto observações nem escusas : é esta a unica vingança que exige o ultraje feito á honra de meu marido!

Julio estremeceo ; porém, antes que tivesse tempo de realizar o pensamento de fraqueza que manifestou em seus gestos, Angelita apontou-lhe uma pistola ao coração, e, disparando-a sem vacillar, o varou com a bala.

Ao estrondo d'esta detonação succedeo-se immediatamente outra, e, quando os criados acudirão, dous cadaveres estavam estendidos no chão sobre ondas de sangue.

V

Alvaro, quando soube d'esta medonha catastrophe, perdeu a razão. Todos os recursos da sciencia, todos os desvelos que naturalmente inspirava, mesmo ás pessoas que lhe erão menos proximas, o seu lamentavel estado de infortunio, forão improficuos para o arrancar de tão pungente e angustiosa situação.

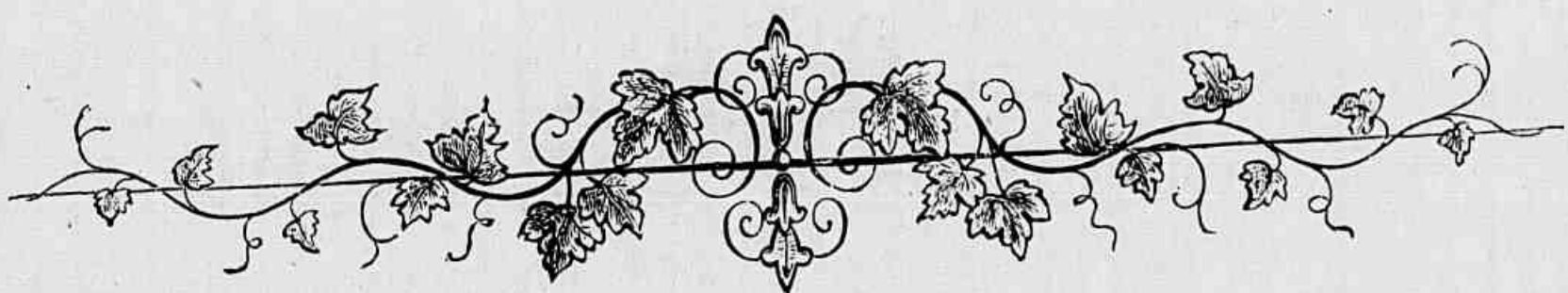
A's vezes, de noite, mandava illuminar o salão, e sentava-se ao piano, onde tocava com inexplicavel perfeição os trechos de musica mais predilectos da malfadada Angelita. Os seus olhos, languidos e amortecidos, fixavão immoveis o retrato de sua infeliz esposa, e de vez em quando duas grossas lagrimas se desprendião de suas palpebras, e escorregavão por suas faces lividas, como que rasgando-lhes dous profundos sulcos!

Era uma dôr do coração ouvir essa musica indescriptivel em que tinha mais parte o sentimento do que a arte!... Ria, cantava, soluçava, chorava, gemia, supplicava e orava nas teclas do piano, como se as harmonias d'esse instrumento se houvessem convertido no grito, na expressão e nos echos da voz humana!

Não sabemos qual foi posteriormente o seu destino; mas pessoas que conhecêrão muito de perto as singulares peripecias de tão tragica aventura nos affirmão que o desgraçado nunca mais poderia de certo recuperar o juizo.

No tumulto de Angelita ainda hoje se vê, segundo nos informão, uma corôa de perpetuas roxas, presa nos braços da cruz, renovada por mãos invisiveis no dia anniversario de sua desgraçada morte.

HOPES.



UM EPISODIO DA ROÇA

(CONTINUAÇÃO E FIM)

IV



O coronel foi informado do acontecido ás nove horas da manhã, e ao meio-dia em ponto devia achar-se ao lado de seu afilhado.

Estes acontecimentos passavão-se em duas povoações quasi fronteiras, estabelecidas á margem do rio Parahyba.

O rio, engrossado com as enchentes das cabeceiras e dos mil tributários que desaguão em seu leito, apresentava um aspecto tenebroso e medonho. O temporal desfeito torcia e açoutava os ramos e os troncos das arvores das florestas circumvizinhas, e a ventania soprava em violentas rajadas pelos reconcavos das matas e as gargantas das montanhas com um silvo agudo e aterrador. Era um espectáculo feroz ver a natureza debatendo-se, gigantesca e vigorosa, nos braços titanicos da tempestade desvairada!

O rio havia crescido a ponto que transbordava das margens. Grandes passaros negros, de azas alongadas, esvoaçavão por cima dos vagalhões, soltando longos e funebres pios. As aguas pesadas e borrentas rugião com furia, quebrando contra os penhascos, atirando-se pelas encostas das montanhas, engolfando-se pelas enseadas da praia, ou redemoinhando nos sorvedores, afundando-se nas voragens, como se o anjo da destruição tivesse ordenado aos

elementos uma luta de exterminio! Quem se afoutaria a arrostar a impetuosidade da correnteza? Qual seria a canôa bastante temeraria para se aventurar no meio d'esse pégo revolto, em cujas ribas se vião já os destroços de algumas ligeiras embarcações, e em cuja superficie se divisavão passar, impellidos por uma força irresistivel, os troncos vigorosos e os ramos ainda verdes das arvores das florestas?

Uma barreira invencivel separava pois, neste momento, as duas póvoações.

O vento, longe de acalmar, recrudescia de violencia. As horas passavão; o meio-dia estava proximo.

O coronel estava em uma agitação febril. Tinha offerecido já cem e duzentos mil reis a quem fosse levar uma carta urgente á margem opposta; porém as pirogas dos mais ousados havião-se espedaçado pondo-se em pratica as primeiras tentativas.

Todos havião desanimado.

A insistencia do coronel em conseguir quem transpозesse o rio havia atrahido á riba grande numero de pessoas, que lhe seguião e acompanhavão todos os movimentos com visivel interesse e curiosidade.

De repente soárão as badaladas do meio-dia, gemendo nas azas da procella. O coronel despio a sobrecasaca, agarrou em dous negros que erão seus pagens, atirou-os para dentro da unica canôa que ainda se conservava amarrada á praia, e pulando tambem elle com uma agilidade inconcebivel na sua idade, sentou-se á poupa, gritando para os negros estupefactos:

— Remem!

O povo agglomerava-se cada vez mais, e um murmúrio indescrictivel sahio dos labios de todos os que presenciárão esta incrivel temeridade.

A canôa, apenas solta, pulou sobre a superficie revolta da agua como se fosse uma folha secca, e principiou então uma luta entre o lenho e a correnteza do rio que fôra impossivel poder descrever.

A' custa de inauditos esforços, e vendo a todos os momentos a morte abrir-se debaixo de seus pés, o coronel e os dous negros conseguirão vencer metade da largura do rio. Ahi as difficuldades redobráão.

No meio do rio o impulso das aguas era mais forte e caudal. A canôa sostenha-se milagrosamente na crista dos escarceos, e era agitada como por uma força diabolica no meio de toda esta explosão encontrada dos elementos.

De quando em quando uma lufada de vento fazia quasi perder o equilibrio á fragil piroga, e pouco faltou mais de uma vez para que ella virasse, sepultando os desgraçados dentro do abysmo.

Os escravos estavão já extenuados. A voz do coronel animava-os de continuo... mas aos ouvidos dos que anciosamente olhavão da praia para este ter-

rivel espectáculo apenas chegavão os echos queixosos dos intrepidos, porém quasi desfallecidos canoeiros, cortados pelo fragor das cachoeiras e peios silvos do vento espedaçador!

O terror augmentava.

Chegou um instante, porém, em que os dous pretos succumbirão ao trabalho. Alagados em suor, com os peitos da camisa abertos, parecião dous entes fantasticos atravessando a lagôa mysteriosa da Estige! Sentirão enfraquecer as pernas, fugir-lhes a luz dos olhos, passar-lhes uma vertigem pela cabeça, e um após outro cahio dentro da canôa quasi sem vida, e de todo sem animo nem esperança!

O povo, já apinhado então nas duas margens, acompanhava todas as peripicias d'esta luta, bradando ao coronel que voltasse, mas sem que um só dos assistentes, apezar de todo o interesse que lhes inspirava o ancião, se atrevesse a lançar-se ao rio para lhe acudir.

É porque a morte era ali inevitavel!

O coronel, achando-se só dentro da canôa, apezar da difficuldade que tinha em mover-se, pois os dous escravos jazião como mortos a seus pés, tomou o remo mais forte, levantou-se de pé na prôa da embarcação, e foi tal a energia que empregou neste passo extremo, que o barco, galgando pela face espumosa do rio, varou como uma flecha o espaço que restava para chegar á margem, e foi encalhar dentro da areia da praia!

Um grito unisono e estrepitoso retumbou das duas ribas oppostas, e parece que os elementos se acalmárão um momento para saudar o triumpho da vontade e da energia humana contra toda a conflagração das potencias da natureza!

Passava já muito do meio-dia, e o pobre Seraphim tinha sido neste intervallo condemnado a perder a sua unica esperanza, pois a questão se havia decidido, como era de esperar, infelizmente contra elle.

O coronel, informado do occorrido, depois de haver recebido as felicitações de todos, a que procurava furtar-se, ainda fatigado e sem haver descansado um só momento, foi ter com Seraphim, e lhe disse, batendo-lhe familiarmente com a mão no hombro, e sorrindo á afilhada:

— Por sua causa acabo de rapar agora um grande susto!... Eu já sabia que vossês perdião o negocio!... Conheço a casta de tratantes com quem tinhão de lidar!... O que faço eu? O Seraphim e a Rosinha não hão de ficar

sem o sitio!... Escrevo ao meu correspondente, e mando buscar uma somma de dinheiro que calculei necessaria para o resgate da sua fazendola... Metto o dinheiro no bolso, e atemo em atravessar o rio com uma tempestade furiosa!... Que eu morra, não faz mal, dizia eu comigo ; estou velho e já não presto para nada ; mas que se perca o dinheiro, que fiquem o Seraphim e a Rosinha sem a sua situação, ao desamparo e á miseria neste mundo... nada ; não quero!... E lutei, lutei, até que cheguei aqui... Agora tomem o dinheiro, paguem a divida simulada a esses ladrões, e não quero ver mais caras chorosas nesta casa !

O coronel cumprio a sua promessa de tal modo, que no dia seguinte era dia de festa no sitio do Seraphim.

O coronel não gostava que se contassem estas cousas ; mas agora que elle me não ouve, penso que muita gente, lendo estas linhas, resará uma oração pela sua alma!

A. E. ZALUAR.





HISTORIA

A VOLTA DO CATIVEIRO

I



etenta annos se havião passado!

Setenta annos de duro cativoiro, setenta annos de amargura e de lagrimas!

A ira do Eterno, provocada de ha tanto tempo, cahira impiedada e esmagadora contra os infelizes descendentes de Abrahão e Jacob.

Cahião-lhes longas e ardentes as lagrimas pelas faces cavadas pela dôr, e sómente o soluçar plangente e os suspiros que do intimo do peito exhalavão indicavão a intensidade da magoa que lhes devorava o coração.

E a alegria febricitante dos conquistadores era como um insulto atirado á desgraça, como um desafio aos vencidos.

Setenta annos!... setenta seculos d'essa angustia dilacerante, d'essa agonia lenta, mas pungente, em que, uma a uma, ião cahindo todas as esperanças da vida, como cahem as folhas amarellecidas das arvores ao bafejar destruidor do outono.

Setenta annos!... setenta seculos!... e esmagados sob o estigma maldito de escravos, sob o insulto provocador dos vencedores!

E os velhos, alquebrados ao peso dos annos, ou, melhor dissereis, ao peso das magoas, dirigião os olhos embaciados, sombrios e turvos, como se estivessem tacteando nas trevas, pela immensidade do horizonte que se desenrolava além...

Ah! parecião nesse olhar tão longo, tão saudoso e tão sentido, enviar a alma á cidade santa, que o rei-propheta conquistára, e onde, no silencio de suas campas, felizes repousavão os restos de seus maiores.

E os moços, que havião nascido em terra de estrangeiros, que tinhão descerrado os olhos á luz de outro céo, que havião sido acalentados ao sopro de outra briza, ao murmurar de outro rio, ao ruido de outras florestas, ao calor de outro sol, ao susurrar de outras palmeiras, tinhão inveja das recordações dos velhos, como consolações que lhes mitigavão as magoas no desalento do cativo.

E só de vez em quando, por entre o gemer dos cativos e as vociferações dos senhores, ouvia-se a voz consoladora de algum propheta, que, á semelhança do orvalho do céo, refrigerava o ardor da magoa d'aquelles corações desconsolados.

II

E Cyro reinava triumphante na cidade de Balthasar.

Desviando as aguas do magestoso rio que lhe banhava o seio, conseguira conquistar a cidade inconquistavel.

Os crimes dos Babylonios incircumcisos havião tambem attrahido os raios de Jehovah, que armára contra elles o braço invicto de seu guerreiro.

As vozes de arrependimento sincero, os suspiros doridos dos filhos de Israel, havião subido, como nuvens de aromatico incenso, até o throno em que se assenta a magestade soberana.

Fôra bastante a punição, bastantes as lagrimas derramadas, e a nuvem que sombreava a fronte severa do Eterno dissipára-se aos suspiros do arrependimento.

Resolvêra, como outr'ora, retirar seu povo da terra do cativo, da casa da servidão; doia-lhe ver a desolação e a tristeza a pairarem sobre a cidade em que tantos hymnos de amor lhe entoára o propheta-rei.

Oh! aquelles muros derrocados pela acção do tempo e pelo dente do ariete, e tão cobertos de musgo e hera, o templo destruido, os vasos sagrados roubados, os levitas fugitivos, os campos talados e seccos, as casias sombrias e solitárias, como fantasmas a cumprirem seu fadario, e o mocho a piar vozes lu-

gubres e sentidas na habitação que o homem abandonára, e tantas outras scenas de dôr, erão como suspiros queixosos que achavão echo em meio das potestades do empyreo.

E um dia — logo após a conquista da cidade de Semiramis — os velhos alquebrados, que voltavão do trabalho, e os moços, que já sentião que o desalento lhes diminuia rapidamente as forças, e as mulheres, cujos olhos as lagrimas havião desbotado, e as crianças, que não sabião ainda que dôr pungente dilacerava o coração de seus pais, ouvirão a voz inspirada do propheta do Senhor, que annunciava o fim do cativo, a cessação da tempestade, a misericordia e o perdão de Jehovah.

« Sim, exclamava elle aos filhos de Sião, sim, voltaremos em breve; cessou
« a colera do Senhor, e nossos restos repousaráõ tranquilllos com os restos
« de nossos maiores na cidade santa de David. »

E contra o seio, que palpitava de emoção, apertavão as mãos estremecidas as tenras primicias de suas entranhas.

III

No outro dia, ao rufar dos tambores, ao som dos instrumentos marciaes, fazia publicar o grande rei o decreto em que permittia aos Israelitas voltarem para a terra de seus pais.

E os velhos e moços, com os joelhos em terra, e os olhos arrasados de lagrimas de prazer, que doces lhes corrião pelas faces, e as mãos erguidas para o céo, murmuravão do intimo do peito estas vozes que proferião os labios :

« Santo! santo! santo! tres vezes santo! És grande, és poderoso, Senhor!...
« Bemdito entre todas as nações e por toda a eternidade seja o teu nome!... »

E contra o seio, que palpitava de emoção, apertavão as mãos estremecidas as tenras primicias de suas entranhas.

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.





POESIA

PORTUGAL E A ITALIA

Que grito é este que inflamma,
D'um a outro continente,
Nos peitos a nobre chamma
Do enthusiasmo fremente?
São dous povos que se abração,
Dous thronos que se entrelação,
É um festim das nações,
Em que toma parte a gloria,
Unindo na mesma historia
Tasso ao nome de Camões!

Ambas, dos sec'los herdeiras,
Tem aos trophéos pendurados
De suas lutas guerreiras
Os estandartes sagrados!
Vestidas de rijo aço,
Da conquista abrindo o espaço,
Sempre gigantes de pé
Caminhárão tanto avante,
Que do occidente ao levante
Levárão de Christo a fé!

Embora um curto desmaio
 As abata num momento ;
 Logo a ideia, a luz, o raio
 Lhes acorda o pensamento,
 E veloz impelle ousadas
 As cabeças e as espadas
 Das legiões d'essa grei,
 Para quem a humanidade
 Tem por fim a liberdade,
 Tem o progresso por lei!

Nos arcanos do destino,
 Occultos em véo escuro,
 A's vezes um doce hymno
 Canta o presente ao futuro!
 Primeiro vagos rumores...
 Um deslumbrar d'esplendores...
 Como d'aurora a sorrir...
 Annuncia um dia aos povos
 Que seus caminhos são novos...
 É força nelles seguir!

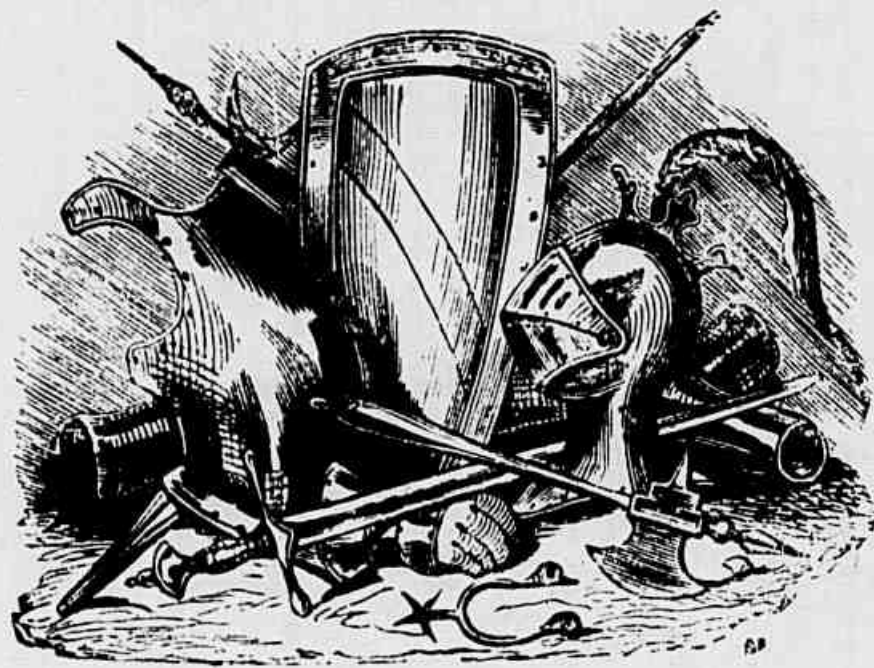
Marca emfim o Deos superne
 Essa epocha famosa!
 Surge á voz do Verbo eterno
 A redempção luminosa!
 São verdade as prophcias...
 Une um laço as dynastias...
 Vincula os povos o amor...
 « Desceco sobre vós a graça! »
 Murmura o anjo que passa,
 E o povo adora o Senhor!

Um tal momento hoje assiste
 Ao regio, ditoso enlace
 Dos dous ramos, onde existe
 Da gloria a seiva vivace!
 Dom Luiz, o predilecto,
 O anjo do seu affecto

Cinge ao peito seu leal,
E da Saboia a princeza
Vai realçar a grandeza
Ao solio de Portugal.

Sobre as praias brasileiras
Em jubilosos cantares
Repetem verdes palmeiras
O grito d'além dos mares!
Todo o peito se associa
Ao transporte d'este dia!
É um festim das nações,
Em que toma parte a gloria,
Unindo na mesma historia
Tasso ao nome de Camões!

BRASILIIUS





MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Toilette de passeio. — Vestido de cassa branca com grãozinhos; folho alto pregado na saia, formando largas ondulações, tendo por cima uma *ruche* de cassa abainhada. Corpinho afogado com pregas reunidas no meio e seguras por um cinto redondo; *ruche* ao redor do pescoço, e no alto e no baixo da manga, que é larga e meio comprida. Mantelete irmão do vestido, guarnecido de um folho e de uma *ruche*. Segundas mangas de cassa fina, com punhos largos, ornados de um fôfo de filó. Cinto de fita azul com compridas pontas. Chapéo de filó franzido, ornado com uma mantinha de filó e tufo de espinheiro-alvar. Luvas de pellica côr de milho.

Toilette caseira. — Vestido de *foulard* das Indias côr de perolas, com corpinho *zouave*; a roda da saia e todos os contornos do corpinho são guarnecidos com uma fita franzida côr solferino, assim como as mangas, abertas até o cotovello. Segundas mangas de *nansouk*, muito largas, com punhos virados para cima, de panno de linho dobrado e pespontado; botões de metal. Collarinho direito de panno de linho pespontado. Gravatinha de tafetá solferino, bordada nas duas pontas com contas brancas. Cinto de dous bicos, de tafetá solferino, pespontado com seda branca. Penteado de bandós entrançados reunindo-se atrás com o cabelo, que forma um grosso laço. Pente de tartaruga loura.

Toilette de menina. — Vestido de *popeline* verde com grega de velludo preto. Corpinho degotado, com fichú encruzado e bordado, assim como as mangas curtas, com velludo preto. Camisinha com mangas, de cassa, feita com pregas fundas e entremeios bordados.



JORNAL DAS FAMILIAS

Janeiro de 1864



*M. Courtois
Imp. Roue N. S. Louis en l'île, 90 Paris*

Rachel

Odette

Argelino

Luiz XV

JORNAL DAS FAMILLAS

Janeiro de 1864

DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE CAPAS E VESTUARIOS.

Primeiro figurino. — Capa Rachel de panno de cordão, còr de havana. Esta capa forma sobre o hombro direito tres pregas grossas, seguras por botões de passamanaria; tres borlas de froco formando bolas são pregadas, desde o degote, na costura do meio das costas. Vestido preto de panno de Lyon, com tres ordens de velludo preto formando dentes agudos na roda da saia. Chapéo franzido de setim còr de havana, com beira de froco com bolas da mesma còr ao redor da *passé* e do *bavolet*.

Segundo figurino. — Paletó Odette de velludo preto, com mangas estreitas e de cotovello. Guarnição de passamanaria, adornada com vidrilhos. Vestido de chamalote (*moire antique*) azul mexico. Chapéo de velludo preto com beira de *blonde* branca e preta; plumas azues viradas para trás, e pequena pluma preta na frente; *bavolet* de tafetá azul, coberto de *blonde* branca e preta; fitas de tafetá azul. Luvas de pellica còr de milho.

Terceiro figurino. — Burnous Argelino de pellucia cinzento azulado, com capuz de bico, forrado com tafetá cinzento, e ornado de borlas de froco com bolas. Vestido de *popeline* roxo imperial, guarnecido na roda com um folho *tuyauté* tendo por cima um entremeio de passamanaria. Chapéo redondo de castor, rodeado com um velludo preto debruado com uma tira enviezada de velludo escossez verde e azul; plumas pretas, azues e verdes; *tuyauté* de tafetá escossez na beira da *passé*.

Quarto figurino. — Paletó Luiz XV de *veloutine* azul imperial, forrado de tafetá branco, e ornado com grandes arabescos de velludo preto. Vestido de tafetá còr de couro, com pequenas listas pretas. Chapéo de pellucia còr de couro, guarnecido com rosas de pellucia de còr natural. Luvas de pellica.

EXPLICAÇÃO DA DUPLA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde de paletó Odette. — Este modelo acha-se no figurino de capas e vestuarios. (*Ver a descripção d'este figurino.*)

Nº 1. — Frente do paletó.

Nº 2. — Pequeno lado.

Nº 3. — Costas.

Nº 4. — Manga.

Molde de vestido bordado. — Este vestido, cujo desenho nos foi pedido, e que poderá agradar a mais de uma das nossas assignantes, por ser muito de moda neste momento, é destinado a ser feito de tafetá preto e bordado em ponto real com seda preta; as petalas das flores fazem-se quer com contas de vidrilhos, quer com nósinhos. O corpinho é bordado nas frentes, e atrás ao

redor do pescoço; as mangas são bordadas nos canhões. Toda a frente da saia é bordada em forma de avental; o bordado forma canto de cada lado e segue toda a roda.

Nº 5. — Frente do vestido.

Nº 6. — Costas do corpinho.

Nº 7. — Canhão da manga.

Nº 8. — Motivo que se continua no alto da saia do vestido.

Nº 9. — Bordado para a frente da saia, em forma de avental.

Nº 10. — Parte formando o canto da roda da saia.

Nº 11. — Motivo que se continua na roda da saia.

Nº 12. — Alfabeto de letras inglezas e iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 13. — *C. D.* Grandes iniciaes para marcar a roupa. Ponto de relevo.

Nº 14. — Dobrado *C* e *D* entrelaçados. Iniciaes para roupa de mesa. Ponto de relevo.

Nº 15. — *Victoria*. Nome para bordar-se numa almofadinha de cheiros. Ponto real e nósinhos.

Nº 16. — *A. B.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo.

Nº 17. — *F. C.* Iniciaes gothicas. Cordãozinho com grossos grãos em realce.

Nº 18. — *Sophia*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho e *point d'armes*.

Nºs 19 e 20. — *P. D.* e *P. P.* Iniciaes para marcar a roupa. Recórte *point de rose* e ponto de relevo.

EXPLICAÇÃO DA DUPLA ESTAMPA DE BORDADOS.

Nºs 1 e 2. — Collarinho direito e punhos irmanados. Desenho leve em ponto de relevo.

Nº 3. — *C. L.* Iniciaes gothicas em ponto de relevo.

Nº 4. — *L. H. M.* Dito, dito.

Nº 5. — *A. L.* Pequenas iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 6. — *M. B.* Iniciaes romanas. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 7. — *L. R.* Iniciaes inglezas. Ponto de relevo e cordãozinho.

Nº 8. — Punho alto de manga, de panno de linho dobrado, pespontado, e ornado com um bordado de ponto russo, de lã meio torcida preta ou de côr.

Nº 9. — *Renata*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e pequenos grãos.

Nº 10. — Quarta parte de lenço rico para bordar-se em cambraia de linho. Medalhões com flores-de-liz e roda de florzinhas, pequenas flores-de-liz soltas. Ponto de relevo, *point d'armes*, *point de plume* e cordãozinho, recórte *point de rose*.

Nº 11. — Baixo de alva ou de toalha de altar, em applicação de cassa sobre filó de Bruxellas.

N^{os} 12 e 13. — *Carlota e Cecilia*. Nomes para cantos de lenço. Ponto de relevo e cordãozinho.

N^o 14. — Ponta de gravata *advogado*, de cassa branca. Ponto de relevo, recôrte simples.

N^{os} 15 e 16. — Frente e costas de uma camisinha para moça. Recôrte *point de rose*, bordado *à la minute e point de poste*.

N^o 17. — *M. L.* Iniciaes. Ponto de relevo.

N^o 18. — Ventarola. Ponto real e cordão de ouro.

N^o 19. — *Ernestina*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo.

N^o 20. — *L. C.* Iniciaes entrelaçadas, tendo por cima uma corôa de marquez. Cordãozinho, ponto de relevo e *point d'armes*.

N^o 21. — Motivo para canto de lenço. Ponto de relevo.

N^o 22. — *S. P.* Iniciaes. Ponto de relevo.

N^o 23. — Desenho de trancelim com canto para tapete de mesa.

N^o 24. — *Eugenia*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho e *point de poste*.

N^o 25. — Collarinho direito irmanado como o punho n^o 8.

N^o 26. — Ponta de gravata de cassa branca; desenho de grades em cordãozinho, com florzinhas em ponto de relevo e grossos grãos em realce; escudo em ponto de relevo e grãos; recôrte *point de rose*.

N^o 27. — Desenho para roda de vestido de menina; flores-de-liz em ponto de relevo e *point d'armes*; recôrte *point de rose*. Este motivo pôde servir igualmente para roda de saia.

N^o 28. — Quarta parte de lenço arredondado; quadrados alternados de *valenciennes* e de bordado em ponto de relevo e *point d'armes*; grinalda de florzinhas em ponto de relevo; a roda dos quadrados em cordãozinho; recôrte *point de rose*.

EXPLICAÇÃO DO FIGURINO DE TRAJOS DE FANTASIA

DADO COM O NUMERO DE DEZEMBRO DE 1865.

Joven Finlandeza. — Saia de lã azul. Corpinho de velludo preto coberto de bordados de ouro na parte superior. Camisinha de mangas largas, de cassa bordada. Avental de estofa de riscas, guarnecido com uma larga franja enfeitada com varias carreiras de nós. Pequeno barrete de estofa bordada de ouro. Meias de seda roxa; botinas de marroquim amarello, atacados no peito do pé.

Moça com traje do tempo de Luiz XIII. — Saia de seda branca, guarnecida de um dobrado galão de ouro subindo na frente até á cintura. Corpinho de-

gotado, com pequenas abas, de velludo côr de nacar, guarnecido com galão de ouro; os canhões das mangas são inteiramente de setim amarello, com guarnição de renda. Um pequeno *fichú* de renda, atado ao pescoço com um alfinete de ouro, cobre em parte o corpinho. Collar e braceletes de perolas. Penteados com tufos annelados na frente, ornado, atrás da cabeça, com laços de fita côr de nacar e com alfinetes de ouro. Sapatos brancos.

Menina italiana. — Saia de lã pardo claro, guarnecida com um velludo pardo escuro. Tunica de lã encarnada, debruada com um galão amarello. Vestido de tafetá azul apanhado atrás. Avental com riscas transversaes de diversas côres vivas. Fichú de cassa encruzado sobre o peito. Nos hombros laços de fitas encarnadas e amarellas. Véu posto chato sobre a cabeça e seguro por compridos alfinetes dourados. Meias encarnadas com quadrados dourados; sapatos de velludo preto.

Menino com traje grego. — Saia curta com pregas em roda da cintura, em lã de camelo branca. Casaquinha de velludo pardo, bordada de ouro. Manta de seda azul. Barretinho de velludo encarnado. Polainas de lã, bordadas de ouro. Sapatos com pontas viradas para cima, de couro bordado.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE TRABALHOS OURO E CÔRES

DADA COM O NUMERO DE DEZEMBRO DE 1865.

A administração do *Jornal das Familias*, sempre dirigida pelo desejo de procurar ás suas assignantes o que lhes pôde agradar, offerece-lhes hoje uma esplendida gravura de ouro e côres, representando de uma maneira clara e circumstanciada differentes pequenos trabalhos elegantes que lhes forneceraõ lindos modelos para presentes de festas.

Nº 1. — CHARUTEIRA DE COURO DA RUSSIA, SETIM E VELLUDO.

O chão faz-se em couro da Russia, os oyados em setim roxo e velludo preto pregados, as riscas transversaes em trancelim de ouro fino. Os pequenos flo-
rões são bordados de ponto real com seda côr de couro da Russia, e concluidos por pequenas pontas de canotilho fusco de ouro fino, que se cortã do tamanho indicado no desenho. Este canotilho enfia-se como contas.

Nº 2. — DESENHO PARA BOLSA DE TABACO, COM CORREDIÇA.

Para fazer-se esta bolsa são precisos 5 carreteis de fio de ouro fino nº 10/5;
Retoz de Berlim de dous verdes, 4 grammas de cada matiz;
Retoz de Berlim preto, 5 grammas;
Retoz de Berlim solferino, 4 grammas;
Retoz de Berlim branco, 3 grammas;
Retoz de Berlim roxo, 8 grammas.

A estrella da bolsa de fecho (veja-se o nº 5) pôde servir para o chão d'esta bolsa, mudando-se o encarnado em roxo.

Forra-se com pellica branca e fina.

Faz-se no alto quatro carreiras de crochet aberto, e uma pequena renda para concluir. O fio de ouro póde ser substituido por retroz amarello vivo.

N^{os} 5 E 4. — PORTA-CARTAS.

Precisa-se de

- 50 centimetros de talagarsa,
- 15 grammas de seda de Argel, roxo fino,
- 5 grammas de torçal, còr de ouro,
- 5 peças de froco de bordar, roxo fino,
- 5 peças de froco de bordar, verde,
- 1 peça de froco de bordar, còr de madeira (para a hastea e as nervuras).

As applicações fazem-se quer de velludo preto, quer de passamanaria ou de madreperola.

O chão do porta-cartas faz-se com seda de Argel roxa, de *point de plume*, tomando-se primeiro um só ponto de talagarsa, depois dous, depois tres, e depois ainda dous, concluindo com um, o que forma um quadrado.

O chão do cacho d'uvas, de torçal còr de ouro, faz-se de ponto *des Gobelins*, tomando-se dous fios na altura da talagarsa e um só na largura. As uvas, assim como as folhas, são feitas em bordado real.

O desenho mesmo que offerecemos ás nossas assignantes póde utilizar-se para um pequeno porta-cartas muito bonitinho, sem causar gastos nem trabalho. Bastará recortar o nosso desenho e gruda-lo sobre papelão : será preciso acrescentar o comprimento necessario á parte mais alta, assim como uma tira de papelão para o fundo, e uma de cada lado, formando folle, para dar o lugar necessario para se collocarem as cartas. Estas differentes partes de papelão serão cosidas juntas, e depois cobertas de papel lustroso, branco ou roxo, e as beiras guarnecidas de tiras estreitas de papel dourado.

N^o 5. — BOLSA DE CROCHET FECHADO.

Para a bolsa fazem-se dous lados iguaes em crochet fechado. Principia-se pelo meio do redondo.

- 1^a Carreira. 5 malhas *chainettes* de retroz preto, e fecha-se o redondo.
- 2^a Carreira. 6 malhas mesma còr.
- 3^a Carreira. 16 malhas fio de ouro.
- 4^a Carreira. 24 malhas de ouro.
- 5^a Carreira. 1 malha preta, 2 malhas de ouro; repete-se isto sete vezes para a roda da bolsa.
- 6^a Carreira. 5 malhas pretas, 4 malhas de ouro.
- 7^a Carreira. 5 malhas pretas, 5 malhas de ouro.
- 8^a Carreira. 5 malhas pretas, 6 malhas de ouro.
- 9^a Carreira. 5 malhas pretas, 7 malhas de ouro.
- 10^a Carreira. 5 malhas pretas, 8 malhas de ouro.

11^a *Carreira*. 5 malhas pretas, 9 malhas de ouro.

12^a *Carreira*. 7 malhas pretas, 2 malhas de ouro; 1 malha encarnada, 1 malha de ouro, 1 malha encarnada, 2 malhas de ouro; e repete-se ainda sete vezes.

13^a *Carreira*. 7 malhas pretas, 2 malhas de ouro, e o resto como na 12^a carreira.

14^a *Carreira*. 7 malhas pretas e 2 malhas de ouro, como na 13^a carreira.

15^a *Carreira*. 5 malhas pretas, 2 malhas de ouro, 2 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro, 5 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro.

16^a *Carreira*. 5 malhas pretas, 2 malhas de ouro, 5 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro, 5 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro.

17^a *Carreira*. 1 malha preta, 2 malhas de ouro, 5 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro, 4 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro; repete-se.

18^a *Carreira*. 5 malhas de ouro, 4 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro, 4 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro.

19^a *Carreira*. 5 malhas de ouro, 4 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro, 1 malha encarnada, 1 malha de ouro, 1 malha encarnada, 2 malhas de ouro, 4 malhas encarnadas.

20^a *Carreira*. No meio das 5 malhas de ouro da 19^a carreira, 1 malha preta, 2 malhas de ouro, 4 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro.

21^a *Carreira*. 5 malhas pretas, fazendo-se exceder 1 de cada lado da carreira precedente, 2 malhas de ouro, 2 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro, 2 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro.

22^a *Carreira*. 1 malha preta, 2 malhas de ouro, 2 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro, 1 malha encarnada, 1 malha de ouro, 1 malha encarnada, 2 malhas de ouro, 2 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro.

23^a *Carreira*. 5 malhas de ouro, 7 malhas encarnadas, 1 malha de ouro, 7 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro.

24^a *Carreira*. 5 malhas de ouro, 9 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro, 9 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro.

25^a *Carreira*. 1 malha de ouro que conclue a estrella preta, 11 malhas encarnadas, 5 malhas de ouro, 11 malhas encarnadas, 1 malha de ouro.

26^a *Carreira*. Para concluir o ornamento que separa a estrella preta, 23 malhas encarnadas entre 1 malha de ouro.

27^a *Carreira*. 27 malhas encarnadas entre 1 malha de ouro.

28^a *Carreira*. 6 malhas encarnadas que se collocão no meio das 27 malhas encarnadas da carreira precedente, 2 malhas de ouro, 15 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro; torna-se a principiar com as 6 malhas encarnadas.

29^a *Carreira*. 7 malhas encarnadas, 2 malhas pretas, 16 malhas encarnadas, 2 malhas pretas.

30^a *Carreira*. 30 malhas encarnadas, 2 malhas de ouro, 5 malhas encarnadas.

31^a *Carreira*. 35 malhas encarnadas, 2 malhas pretas, 35 malhas encarnadas.

32^a *Carreira*. 8 malhas encarnadas, 2 malhas pretas, 19 malhas encarnadas, 2 malhas pretas.

55ª *Carreira*. 10 malhas encarnadas, 5 malhas pretas, 19 malhas encarnadas, 2 malhas pretas, 10 malhas encarnadas; o lado conclue-se com tres carreiras lisas encarnadas.

O que faz em tudo 56 carreiras e dá um bom tamanho de bolsa. Póde servir igualmente para bolsa de tabaco, dobrando-se o numero das malhas. Então fazer-se-ha uma tira d'este mesmo crochet com o pequeno desenho que se fez desde a 28ª carreira, para concluir o lado da bolsa; para esta tira fazer-se-hão 15 carreiras de crochet, deixando-se uma terça parte do redondo para a entrada. Emfim, tendo-se concluido os dous lados, unir-se-hão por uma carreira de fio de ouro, e armar-se-ha a bolsa com um fecho dourado, depois de forrada com uma pellica branca muito fina.

Nº 6. — ARANDELA ORIENTAL.

Para o par, são precisos 5 centímetros de casimira encarnado vivo, e 5 centímetros de casimira verde claro; 150 grammas de contas *rocailles*; um fio de grossas contas *marcassites*; um maço de contas douradas nº 5; uma meada de seda frouxa verde; um meio maço de contas assetinadas; um novello de linha de crochet, e um crochet apropriado á linha.

Toma-se a linha e fazem-se 56 malhas *chainettes*; reune-se a primeira á ultima, de maneira a formar um redondo. Fazem-se 7 carreiras de malhas dobradas, augmentando-se 4 ou 5 malhas em cada carreira. Divide-se em cinco partes o numero das malhas, e formão-se cinco dentes regulares de 12 carreiras cada um; em cada uma d'estas carreiras diminuem-se 2 malhas, para formar um dente agudo. Tendo-se concluido o trabalho de crochet, dispõem-se sobre todas as carreiras recortes de contas brancas mescladas de contas *marcassites*, de maneira que o tecido fique completamente escondido debaixo das contas. Entre cada um dos dentes de crochet colloca-se um dente de casimira encarnada muito mais comprido; colloca-se sobre esta casimira as pequenas estrellas recortadas em casimira verde claro, marcando-se nellas nervuras com a seda, e pregando-se uma conta dourada em cada ponta da estrella e no centro; pregão-se sobre a casimira encarnada contas assetinadas, seguindo-se o modelo, e fazem-se com ellas pequenas borlas que se pregão em todas as pontas da arandela.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE CROCHET

DADA COM O NUMERO DE DEZEMBRO DE 1865.

Esta estampa compõe-se de seis bellos desenhos ineditos, proprios para muitos differentes objectos. Ha duas maneiras de executa-los : 1º de ponto de serzir com linha chata em um chão de *filet* quadrado, quer feito á mão, quer á mecanica; 2º de *crochet* com quadrados fechados e quadrados abertos.

No primeiro caso, contão-se os quadrados como nos trabalhos em talagarsa, e enchem-se conforme o nosso modelo. No segundo, principia-se com uma

porção de *chaînettes*, conforme o comprimento do trabalho; deve-se calcular tres malhas para cada quadrado do modelo, e mais uma para concluir. Trabalha-se no sentido da largura do trabalho, quer indo da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, quer trabalhando sempre no primeiro sentido, e cortando-se a linha a cada carreira. Para cada quadrado aberto do modelo faz-se uma *barrette*, depois duas malhas *chaînettes*, passando-se duas malhas na carreira precedente; faz-se depois mais uma *barrette* para principiar o quadrado seguinte; e sendo um quadrado aberto, continua-se como o primeiro; porém, sendo um quadrado fechado, fazem-se mais duas *barrettes*. Cada quadrado fechado compõe-se, por conseguinte, de tres *barrettes*, e mais uma para principiar o seguinte. Para as guarnições de recortes ou dentes, faz-se a parte superior da maneira já indicada; faz-se depois a extremidade de cada dente a parte, diminuindo de cada lado. Sendo a guarnição recortada nos dous lados, principia-se pela carreira do meio, fazendo-se primeiro uma metade, depois a outra para formar os dentes, conforme o havemos indicado. Esperamos que, com estas explicações, as nossas assignantes não encontrarão dificuldade alguma para reproduzir os nossos modelos.

Nº 1. — Ramo para cobertura de almofada, véo de poltrona, ou cobertura de mesa ovada.

Nº 2. — Guarnição recortada ou entremeio para guarnecer as cobertas de trastes, cortinas, colchas, etc.

Nº 3. — Braço de poltrona irmanado com o nº 1. Este motivo pôde servir igualmente para bordar, de ponto em cruz, em chão de *crochet tunisien*, tiras para colchas ou almofadas.

Nº 4. — Toalha de altar, com as iniciaes da Virgem Santissima e grinalda de flores-de-liz. Este modelo, que nos foi pedido, produzirá um lindo effeito. Pôde servir igualmente para baixo de alva, tirando-se as iniciaes.

Nº 5. — Coberta de mesa, ramo e flores soltas. As flores soltas continuão-se á vontade. Este desenho pôde servir igualmente para cobertas de trastes, colchas, etc.

Nº 6. — Renda para redecir as colchas, cobertas de almofadas, cortinas, véos de poltronas, etc.

